

Vigia diz que debelou incêndio no MAM há 12 anos

Para o vigia Miguel Rodrigues dos Santos, que trabalha no Museu de Arte Moderna há mais de 28 anos — antes mesmo do início de sua construção —, o incêndio que ali ocorreu na madrugada de sábado último não foi o que lhe causou o primeiro grande susto durante todos esses anos de exercício de suas funções: "Este foi na verdade o segundo grande susto que levei com a presença das chamas no interior do MAM; o primeiro foi há 12 anos, quando ajudei a apagar um incêndio no restaurante, causado por um fogareiro elétrico que se esquecera de desligar".

— Naquela ocasião, eu e meu colega de trabalho até hoje, o vigia José Leandro de Moraes, conseguimos, usando dois extintores, apagar o fogo, que já havia então destruído o fogareiro e feito a parede ficar vermelha como brasa. O incêndio começou às 11h30m, — continuou Miguel —, e não foi difícil debelar as chamas, mas o de sábado transformou-se num inferno para todos os que estavam aqui de serviço: eu, os vigias João José de França, José Leandro de Moraes e Antônio Cartaxo, o PM Carlos Alberto de Souza e outras pessoas que estavam nas proximidades.



Miguel trabalha no MAM há 28 anos

Miguel, que durante as obras de construção do MAM era sergente, disse que estava de serviço quando o fogo começou e confirmou a demora dos bombeiros em chegar ao local, o que estendeu em mais de meia hora. Muito nervoso, o vigia, que participava da colocação dos primeiros tijolos nas paredes do prédio, declarou haver pensado que ali estava a assistir também o seu fim. "Esclareceu Miguel que o fogo começou às 3h25m, pouco depois da passagem da patrulha da PM que faz a ronda parapsuave para supervisionar a ação do PM Carlos Alberto, de serviço na área.

O COMEÇO DO FIM

— Cerca de dez minutos depois de a patrulha ter ido embora, percebi uma fumaçinha que saía do 2º andar. Imediatamente, pedi ao PM Carlos Alberto que telefonasse para o Corpo de Bombeiros — contou Miguel. — Tentei então penetrar na sala da Escola, que fica no térreo, a fim de buscar um extintor. Mas já era tarde, pois os vidros das janelas começaram a estalar, arremessando estilhaços em todas as direções, e fumaça tomara então conta de tudo.

Miguel declarou que deu ordens ao vigia Antônio Dantas Cartaxo para que este fechasse o registro geral do gás, pas-

Miguel esclareceu que suas funções e as dos outros três vigias consistem, basicamente, em impedir que algum estranho penetre nas dependências do MAM após o encerramento de suas atividades. Até mesmo o administrador só entra lá se estiver acompanhado de um deles. Outra recomendação, disse Miguel, é a de que cada vigia esteja sempre atento ao menor indicio de incêndio, motivo pelo qual são permanentemente orientados para utilizar extintores. Indagado sobre o que representava para ele o Museu Arte Moderna, respondeu:

— Do meu ponto de vista, é uma das melhores obras do mundo, pois é do MAM que vivo, bebo e como. O incêndio foi para mim a pior coisa da face da Terra. Ninguém será capaz de avaliar o que se perdeu aqui. Cheguei a chorar quando vi as chamas consumindo anos e anos de trabalho e sacrifícios — comentou o vigia.

Além disso — acrescentou — o Museu era importante porque muitas pessoas iam ali passear, divertir-se e aprender alguma coisa. De arte mesmo, não entendo, mas, para quem conhece o assunto, esse incêndio foi uma tragédia.

DE ALAGOAS AO MAM

Miguel, que hoje mora em Paciência, disse que deixou sua terra natal, Santana do Ipanema, em Alagoas, e veio para o Rio em 1947. Aqui trabalhou juntou ao dinheiro, com o qual voltou a Alagoas. Antes que o dinheiro acabasse, porém, decidiu retornar ao Rio, o que ocorreu em 1949. Ele e a mulher, Maria Aparecida Trindade, moram em Paciência há dez anos com os filhos Luis (17 anos) e Lúcia (16 anos). De lá vem todos os dias para ganhar o seu salário de Cr\$ 3.860, que deverá ser aumentado em breve para Cr\$ 5.300.

Dos fatos com ele ocorridos durante o seu tempo de trabalho como vigia do MAM, Miguel se recorda do homem que prendeu quando este levava de uma exposição cinco garrafas de uísque, ou do cadete de Marinha e de um conferencista francês que, ao subirem a escada olhando para cima, cairam no lago interno que fica em frente à cantina. O chefe dos vigias do Museu de Arte Moderna disse:

— O francês desceu do avião ali em frente e, ao sair encharcado do lago, não quis mais saber de conferência. Agora, nem conferência, nem quadros, nem criança passeando por aí. Só essas cinzas e essa tristeza toda de cada um de nós.

energia no caso de qualquer problema. Além disso, o incêndio aconteceu quase quatro horas depois do espetáculo, e a chave geral do pavilhão, que controla o sistema de iluminação e o som, e desliga a logo depois do espetáculo. Tinhamos, isto sim, muitos problemas técnicos — acústica, reverberação dos vidros, visibilidade e falta de conforto para o público — que vinhamos tentando resolver".

PROPOSTA

Para ele, este foi o lado mais doloroso do incêndio, pois "os prejuízos cada um calcula sua cifra, e elas variam muito". Importante, ele destacou, é ressaltar que a proposta atual do trabalho do MAM é uma proposta aberta.

— Não apenas um museu convencional, mas um centro dinâmico e atuante. Esta atividade pode ser retomada imediatamente depois da catástrofe, pois não depende de quadros ou obras estáticas, mas do esforço, criatividade e combatividade das pessoas. E as pessoas estão aí, mais do que nunca dispostas a levar o MAM para a frente.

— Não apenas um museu convencional, mas um centro dinâmico e atuante. Esta atividade pode ser retomada imediatamente depois da catástrofe, pois não depende de quadros ou obras estáticas, mas do esforço, criatividade e combatividade das pessoas. E as pessoas estão aí, mais do que nunca dispostas a levar o MAM para a frente.

PROPOSTA

— Não apenas um museu convencional, mas um centro dinâmico e atuante. Esta atividade pode ser retomada imediatamente depois da catástrofe, pois não depende de quadros ou obras estáticas, mas do esforço, criatividade e combatividade das pessoas. E as pessoas estão aí, mais do que nunca dispostas a levar o MAM para a frente.

— Não apenas um museu convencional, mas um centro dinâmico e atuante. Esta atividade pode ser retomada imediatamente depois da catástrofe, pois não depende de quadros ou obras estáticas, mas do esforço, criatividade e combatividade das pessoas. E as pessoas estão aí, mais do que nunca dispostas a levar o MAM para a frente.

feitas pela perícia. O laudo não deverá ter afirmações conclusivas a respeito do incêndio, mas uma série de hipóteses — explicou Vilarinho.

De qualquer modo — segundo o diretor do Carlos Eboli —, já está afastada realmente a hipótese de o incêndio ter sido provocado por um curto-circuito, como se pensava anteriormente. Ele não quis explicar porque a perícia chegou a essa conclusão.

Letícia, Glauco Rodrigues, Gastão Manuel Enrique, Gilberto Salvador, Tunes, Marcos Concilio e Rubens Guersham, entre outros. Ele ainda acrescentou que "o ocorrido ao museu, agora está acontecendo com Ouro Preto".

— A cidade está toda depredada e, depois de destruída, todos vão lamentar. O que acontece é que há indiferença neste setor, e só mesmo os teimosos prosseguem em sua luta.

Além de Scliar, várias pessoas continuaram ontem a levar sua solidariedade ao MAM. Entre elas, o artista plástico Antônio Manoel e Herminio Belo de Carvalho, da Funterj. O fotógrafo Pedro de Moraes doou ao museu quatro quadros com fotografias e o seu livro "Vi Vendo". Segundo Heloisa Lustosa, mais de 200 cartas e telegramas de solidariedade já chegaram ao MAM.

Dez garis da Comlurb começaram ontem o trabalho de limpeza externa do MAM, retirando os vidros espatifados no térreo. O mesmo serviço nas salas afetadas pelo incêndio será feito tão logo o museu se libere.

Museu e seguradora negam ter recebido o relatório

A diretora-executiva do Museu de Arte Moderna, Heloisa Lustosa, e o superintendente da Ajax Companhia Nacional de Seguros, Celso Lopes Cardia, negam ontem ter recebido um relatório da Qualicontrol no qual esta empresa especializada em prevenção de incêndios advertia sobre a iminência de um incêndio no museu, devido às más condições de segurança.

Heloisa Lustosa afirmou que não recebeu o relatório, feito em julho do ano passado por dois técnicos da Qualicontrol, após uma inspeção no MAM.

— Este relatório nunca nos foi entregue. Nesta hora as pessoas, por vários motivos, querem prejudicar o nosso trabalho. A senhora Fernanda Camargo, por exemplo, declarou inverdades sobre a direção do museu. Como os meus arquivos não foram destruídos pelo fogo, antontem (terça-feira) pude provar que ela não disse a verdade em suas críticas. Não quero entrar em esquemas passionais como, por exemplo, dizer que esta senhora já quis trabalhar no MAM.

Celso Cardia, da Ajax, afirmou que "o MAM tinha proteção adequada contra o fogo" e disse que sua companhia quer liquidar "o mais rápido possível" o valor do seguro.

Devido a problemas burocráticos, não foi pago ontem o adiantamento de Cr\$ 5 milhões, referentes à primeira parcela do seguro de Cr\$ 12 milhões do acervo do museu. Celso Cardia espera pagar ainda hoje esta quantia. Ele informou que dos Cr\$ 47,4 milhões correspondem ao conjunto de prédios do MAM. Acrescentou que desta quantia será extraída a importância garantida para as áreas atingidas pelo incêndio. O valor a ser pago será determinado pelos peritos de seguro e criminologia.



O certificado, de janeiro de 1977

Segundo Cardia, o seguro do MAM vence no próximo dia 21, "mas será renovado pela empresa, caso o museu continue interessado nos seus serviços".

Técnicos da Jato Creti, empresa de engenharia especializada na recuperação de estruturas, inspecionaram o prédio do MAM. Segundo Cardia, os técnicos constataram que a parede externa do lado esquerdo do prédio sofreu diversas rachaduras.

— Talvez as estruturas tenham sido abaladas. No entanto, esta dúvida só poderá ser eliminada com laudos técnicos. A Jato Creti inclusive já ofereceu ao

MAM um trabalho gratuito neste sentido — disse ele.

A tarde, Heloisa Lustosa exibiu à imprensa o original de um certificado de aprovação do Corpo de Bombeiros — número 0027, de 6 de janeiro de 1977 — referente a uma inspeção sobre a segurança do prédio. Assinado pelo Major R. Sobral, o documento diz o seguinte:

"Face ao requerimento protocolado sob o número 09/222.307, em 20/12/76, vistoriei o prédio com três pavimentos do MAM, sito à Avenida Beira-Mar s/nº, constatando o cumprimento de todas as exigências consignadas no laudo de exigências número p.17/374/76".

O documento é assinado também pelo oficial bombeiro Martins Costa. Segundo Heloisa Lustosa, esta é a maior prova de que o museu estava em boas condições de segurança.

— Caso contrário, a obrigação do Corpo de Bombeiros seria interditar o museu, não?

Ela não quis discutir os itens divulgados do relatório da Qualicontrol.

Se tivéssemos recebido este documento, poderíamos justificar, dizendo não haver verbas suficientes para o que chamam de segurança ideal. Mas como comentar algo que nem sequer sabemos?

— Ante a insistência dos repórteres, que leram alguns trechos do relatório da Qualicontrol para Heloisa Lustosa, a diretora-executiva do MAM rebateu o item sobre recarga de extintores com prazo vencido:

— Este relatório, segundo dizem — não dizem a pedido de quem e para que foi feito — foi preparado há um ano. Agora, não posso provar se naquela época o prazo da recarga dos extintores estava ou não vencido. Hoje, no entanto, o prazo está em dia, à disposição de quem quiser verificar. Creio que isto é o que interessa.

um irrompimento de incêndio são os mais importantes.

Vanzolini informou que um dos inspetores, K. Giger, viajou para Curitiba. O outro, Paulo Sérgio de Souza, não trabalha mais na firma. Sobre sua saída, o diretor-administrativo da Qualicontrol, Wilson Gazzaneo, deu duas explicações. Primeiro disse que ele fora demitido no ano passado; depois afirmou que Paulo Sérgio se demitira.

PRESIDENTE CONFIRMA

O presidente da Companhia Internacional de Seguros — da qual tanto a Ajax como a Qualicontrol são subsidiárias — Celso da Rocha Miranda, confirmou ontem a existência do relatório, mas disse que não ia comentá-lo, "porque isto é assunto do MAM".

— Só o museu pode confirmar ou desmentir qualquer informação que consta no laudo, dizer se o recebeu e qual o seu conteúdo — disse ele.

'Qualicontrol' confirma que fez a vistoria

O diretor-superintendente da Qualicontrol, Hélio Moreira Vanzolini, confirmou ontem que dois engenheiros especializados em prevenção de incêndios prepararam há um ano um relatório, a pedido da Ajax, seguradora do MAM, em que apontavam graves falhas de segurança.

Disse Vanzolini que 90 por cento dos prédios inspecionados pelos técnicos da Qualicontrol não dispõem de todos os equipamentos de prevenção de incêndios — em termos de segurança. Segundo ele, isto acontece porque os eficientes e sofisticados esquemas de prevenção de incêndio são caros.

Vulnerabilidade do MAM causa surpresa no Japão

TOQUIO (O GLOBO) — "Não se pode acreditar que um dos museus mais importantes do País não tivesse um sistema adequado para proteger as obras do seu acervo e das exposições contra a eventualidade de um incêndio", declarou ao GLOBO o crítico de arte Kenjiro Okamoto, delegado do Japão na Bienal de São Paulo em 1961 e 1963.

— Quando ouvi a notícia pelo rádio não pude acreditar que aquele monumental edifício do Parque do Flamengo pudesse ser tão vulnerável. E inacreditável esse desastre com o MAM.

Uma das leis mais rigorosas no Japão é a Lei de Prevenção de Incêndios, fielmente observada pela população e fiscalizada com rigor pelo Corpo de Bombeiros. O motivo é que a maioria das casas é de madeira.

Em caso de incêndio, os principais museus de Tóquio podem ser alcançados pelos bombeiros em no máximo cinco minutos. Mas as medidas preventivas evitaram até agora qualquer incêndio. No Museu Nacional de Tóquio, por exemplo, a corrente elétrica e desligada à noite. As portas são anti-incêndio e o teto dos prédios é permanentemente o teto dos prédios (de chuviscos) foi abolido das galerias onde ficam as obras de arte. O sistema de alarme é automático e está ligado diretamente ao Corpo de Bombeiros.

No Museu Nacional de Arte Moderna de Tóquio, o sistema de alarme é automático: acionado pela elevação de temperatura do ar, corta instantaneamente a corrente elétrica do edifício.

O diretor do museu, Masahiro Koike, disse ao GLOBO:

— A manutenção de um sistema preventivo contra incêndio é cara, mas sai infinitamente barata quando se considera o valor cultural das obras expostas. Não fazemos seguro. O que adianta rece-

ber dinheiro, que não pode repor a obra destruída?

Koike lamentou que se tenha perdido no acidente "parte do patrimônio da humanidade" e disse que o seu museu mantinha uma troca de catálogos com o MAM do Rio.

— Nosso investimento prioritário é para garantir fisicamente as obras. Por isso damos pouco valor à garantia legal e de avaliação — disse o diretor.

O Museu de Arte Ocidental de Tóquio, que é projeto de Le Corbusier, tem 308 obras de impressionistas franceses. Os especialistas o consideram vulnerável a incêndios. O conservador do museu, Koji Yukiama, disse ao GLOBO que a direção da instituição decidiu não reformar o prédio e está construindo um anexo com todas as condições de segurança e onde não haverá material inflamável.

— O incêndio do MAM do Rio é uma grande advertência para os responsáveis por obras de arte. Infelizmente o preço da conscientização foi alto demais — disse ele.

O Museu Metropolitano de Arte de Tóquio é o que está instalado em prédio mais novo. Seu diretor, Akira Asahia, explicou que o museu não usa o sistema sprinkler.

— Existe um sistema de irrigação local de água, que pode ser acionado pelos funcionários através de botões. Mas o sistema principal é baseado no uso do gás halogenado, que não danifica as obras.

E advertiu:

— Talvez mais perigoso do que o fogo seja um bombeiro despreparado para entrar num museu. Felizmente já temos bombeiros em Tóquio treinados especialmente para socorrer museus.

Sidney Miller: havia prevenção na 'Corpo e Som'

O compositor Sidney Miller, diretor da Sala "Corpo e Som", onde começou o incêndio no MAM, disse ontem que a Sala sempre teve boas condições de prevenção de incêndio e seguia as normas técnicas ditadas pelos bombeiros. Ele não sabia a que atribuiu o fogo a não ser a um incidente desastrosos: "uma fatalidade deste tipo não se pode nem prevenir nem remediar. Resta-nos tomar o máximo de precauções no futuro".

— Embora reconheça que, durante os espetáculos, o público fumava, e isto deveria ser proibido, Sidney não vê nenhuma contradição numa sala de shows funcionando ao lado de um acervo valioso e inflamável. Na última apresentação do grupo Agua, havia uma parte em que os artistas entravam em cena carregando uma tocha.

— Apesar de tudo, nunca tivemos problemas de risco de incêndio antes. O máximo era um curto-circuito, mas o sistema elétrico do museu fazia diminuir logo

Resseguros libera o museu para reconstrução

O Instituto de Resseguros do Brasil e a 3ª Delegacia Policial liberaram o início do Museu de Arte Moderna para o início das obras de reconstrução dos dois andares destruídos pelo incêndio do último sábado. O Embaixador Hugo Gouthier, coordenador geral dos trabalhos de restauração, reuniu-se ontem com o arquite-

Laudo nada concluirá sobre origem do fogo

O laudo sobre o incêndio que destruiu o Museu de Arte Moderna deverá ser en-

Heloisa leva hoje relatório a Reis Velloso

O Ministro Reis Velloso e o Governador Faria Lima comunicaram-se ontem, por telefone, com a diretora executiva do Museu de Arte Moderna, Heloisa Lustosa, oferecendo verbas para a reconstrução do prédio atingido pelo incêndio. Ao dar esta notícia à imprensa, a diretora disse que "faria o máximo para entregar ao ministro, amanhã, num encontro marcado para as 16h30m no Ministério da Fazenda, um relatório básico sobre o que é mais importante para a reconstrução do MAM".

Este relatório, informou Heloisa Lustosa, está sendo preparado pelo dirigente do Grupo de Trabalho para a Reconstrução do MAM, Embaixador Hugo Gou-

Cinemateca faz programação de emergência no auditório do MIS

O diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna, Cosme Alves Neto, anunciou uma "programação de emergência", que pretende retomar, em suas linhas básicas, os ciclos previstos para julho: cinema de vanguarda dos anos 20, com filmes de Viking Eggeling, Hans Richter, Jean Cocteau e Alberto Cavalcanti; vespérais com Buster Keaton, série dedicada ao público infanto-juvenil, com sessões diárias às 16h30m, durante os dias da semana; e saraus de curta-metragem da Associação Brasileira de Documentaristas.

Com o impedimento das projeções no MAM — a tela do auditório foi queimada e as instalações elétricas estão danificadas — a programação será realizada no auditório do Museu da Imagem e do Som (Femurj), que é equipado com aparelhagem similar à existente na Cinemateca do Museu de Arte Moderna (projetores de 35mm e 16mm). As exhibições começarão hoje e vão até o dia 19.

EM CINEMAS

Em auditório improvisado, o diretor pretende fazer exhibições no MAM em fins de semana, a partir do próximo dia 21. A Cinemateca também tem planos para ajudar na reconstrução do prédio atingido pelo incêndio, fazendo programações em cinemas — "a renda dos ingressos revertéria para o Museu", disse Cosme Alves Neto.

O Grupo Cinema J já colocou suas salas à disposição da Cinemateca e vários produtores brasileiros ofereceram seus filmes para uma programação especial, como Iberê Cavalcanti, Luis Carlos e Geraldo Sarno, e também a Associação Brasileira de Cinematografia, a Associação Brasileira de Documentaristas e a Federação dos Cineclubes do Rio.

Deixe que seu filho pule e brinque a vontade, mas não deixe de dar a ele todo o dia a

GELÉIA DE MOCOTÔ

inbasa